

## Olhares sobre a identidade masculina

### Glances on the masculine identity

Por Ezequiel de Souza

Doutorando em Teologia (EST)

Bolsista CNPq

ezequiel\_souza@yahoo.com.br

#### Resumo:

No presente artigo, discorremos sobre algumas das dimensões que compõem a formação da identidade masculina. Inicialmente, analisamos a dimensão da sexualidade, presente sobretudo nos rituais de demonstração de virilidade. Em seguida, centramos nossa atenção sobre a dimensão do desejo. Embora sempre esteja relacionada à dimensão da sexualidade, o desejo, ou o erótico, não pode ser reduzido à sexualidade, merecendo uma atenção especial. Por fim, a dimensão da violência é enfocada desde duas perspectivas: a violência cometida e a violência sofrida por homens na construção de sua identidade masculina.

#### Palavras-chave:

Identidade masculina. Masculinidades. Construção das masculinidades.

#### Abstract:

In the present article, we write about some of the dimensions that compose the formation of the masculine identity. Initially, we analyze the dimension of the sexuality, present above all in the rituals of demonstration of virility. Soon afterwards, we center our attention on the dimension of the desire. Although it is always related to the dimension of the sexuality, the desire, or the erotic, it cannot be reduced to the sexuality, deserving a special attention. Finally, the dimension of the violence is focused from two perspectives: the committed violence and the suffered violence for men in the construction of his masculine identity.

#### Keywords:

Masculine identity. Manliness. Construction of the manliness.

A construção das masculinidades é um processo longo e marcado por várias rupturas. Quando o menino, ainda em tenra idade, encontra seus amigos, está em jogo signos e símbolos de virilidade que concorrem para a formação de sua visão do que seja a masculinidade. Este artigo, resultado da pesquisa de mestrado em Teologia, enfoca três elementos importantes para a formação da identidade masculina. Embora haja outros elementos, devido à limitação imposta pelo formato de artigo, julgamos suficiente trabalhar com a sexualidade, o desejo e a violência.

#### Dimensão da sexualidade

Não é possível falar sobre masculinidades sem fazer referência à sexualidade. Muitas pesquisas demonstram que em diversos ambientes, brincadeiras, rimas e palavras que trazem à

memória elementos ligados à sexualidade são evocadas. Embora seja um assunto sério, joga-se com ela o tempo todo, constituindo um capital de masculinidade a capacidade de revidar às brincadeiras feitas pelos outros, uma vez que “la identificación viril de uno se construye a través de la negación de la masculinidad del outro”.<sup>1</sup> No estudo antropológico desenvolvido junto a meninos de rua por Lisiane Leczneiski, podemos identificar claramente dois elementos ligados à sexualidade masculina: a exaltação da masculinidade através de jogos de palavras e a defesa da honra através de duelos. Existe um código linguístico compartilhado pelos meninos de rua, no qual a utilização de palavrões cria um ambiente

<sup>1</sup> SZASZ, Ivonne. Varones mexicanos: género, sexualidad y salud reproductiva. *Estudios Feministas*, ano 8, n. 1, 2000, p. 190.

descontraído de disputas em torno do capital de masculinidade:

Os “palavrões”, que a nós podem chocar ou soar grotescos, parecem não ter a mesma conotação no universo dos guris, mas seguem um padrão que está impregnado de tal forma na sua linguagem, que, no contexto das músicas, parece mais uma forma divertida de mostrar e exaltar sua masculinidade.<sup>2</sup>

Embora haja a presença feminina, o ambiente em que os meninos de rua convivem é um ambiente predominantemente masculino. Em ambientes marcadamente masculinos, alusões à sexualidade cumprem funções de socialização masculina, ao mesmo tempo em que hierarquizam de acordo com o capital de masculinidade entre os “homens de verdade” e os demais. A socialização masculina não se restringe aos meninos de rua, podendo ser encontrada em qualquer ambiente em que a presença masculina seja predominante. “As falas explícitas sobre sexo e o baixo corporal, assim como o clima de brincadeira, jocosidade, agressão e desafio que paira sobre os assuntos, especialmente os sexuais, não é exclusividade dos guris”.<sup>3</sup> A situação de vulnerabilidade social faz com que os meninos de rua reproduzam o *ethos* masculino tradicional, no qual os símbolos de virilidade são inquestionáveis. Por isso, há um limite bem delimitado entre a brincadeira acerca da sexualidade e a ofensa à honra masculina. A honra deve ser respeitada e, em caso de ofensa, defendida a qualquer custo. A defesa da honra acontece através da encenação de traços tidos como característicos da identidade masculina:

Uma das causas de brigas e duelos, entre os guris, é a defesa da honra. Tirar satisfação de acusações sofridas significa, entre eles, defender a honra maculada. E isto é algo que os guris prezam demais. A importância da defesa da honra fica também claramente

expressa em ditados recorrentes como, por exemplo: “Um homem não pode levar desaforo pra casa; Tudo tem que ser tirado a limpo”. Neste universo, noções como desafio, honra, virilidade e “ser ativo”, estão interrelacionadas.<sup>4</sup>

Entre os meninos de rua, principalmente o questionamento à virilidade deve ser “tirado a limpo”, levando ao duelo. Nem todas as ofensas levam ao duelo. Apenas aquelas que questionam a masculinidade de forma explícita: “neste sentido são consideradas muito sérias acusações de puto, bicha, ladrão, filho-da-puta, mulherzinha, etc.”.<sup>5</sup> O objetivo dos duelos não é machucar o adversário, mas demarcar um espaço dentro do grupo, demonstrando que possui os atributos imputados à masculinidade. As brigas não são interpretadas como atos de violência porque desempenham um duplo papel para o grupo: diversão e hierarquização:

Como demonstração de atributos pessoais, estariam ainda, nestas encenações, demarcando posições hierárquicas de liderança. Contemplando todas estas dimensões, a briga se revelaria como articuladora significativa de variáveis de importância tanto simbólica quanto prática. Talvez se deva a isto a resistência dos garotos em levar as brigas sérias até as últimas consequências. Fonte de prestígio e instrumento potencial de defesa da honra, o corpo não deve ser ferido.<sup>6</sup>

A sexualidade masculina não constitui uma unidade durante toda a vida do homem. Quando o homem é solteiro, a sexualidade não está relacionada apenas ao ato sexual. Através da sexualidade, há a tentativa de afirmar uma identidade masculina frágil. O desempenho sexual deve ser o melhor possível, em comparação com outros homens, a fim de demonstrar sua masculinidade para eles – e para si próprio. Ivonne Szasz entende que, desde o nascimento, existe uma dupla mensagem social dirigida aos homens: 1) é vantajoso ser homem; 2) não se é homem até que se prove. Para tanto, faz-se necessária a penetração,

<sup>2</sup> LECZNEISKI, Lisiane. Corpo, virilidade e gosto pelo desafio: marcos de masculinidade entre os guris de rua. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 95-111, 1995. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/HorizontesAntropologico/article/viewFile/2585/1886>>. Acesso em: 12 set. 2008.

<sup>3</sup> LECZNEISKI, 1995.

<sup>4</sup> LECZNEISKI, 1995.

<sup>5</sup> LECZNEISKI, 1995.

<sup>6</sup> LECZNEISKI, 1995.

pois “los genitales masculinos representan valor, orgullo, prepotencia, fuerza, bienestar, y se pueden concebir separados del cuerpo, cobrando vida propia”.<sup>7</sup> A paternidade representa uma ruptura na sexualidade masculina, pois um filho traz a responsabilidade para com a família. De acordo com Rosely Gomes da Costa, a paternidade compreende a capacidade de fazer filhos e a capacidade de sustentá-los: “assim, se ‘fazer filhos’ pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral”.<sup>8</sup> Dessa forma, a paternidade atualiza duas características atribuídas à identidade masculina: a virilidade e o papel de provedor.

Na visão tradicional da masculinidade, espera-se que o homem providencie o sustento da família. Essa condição dá ao homem o controle sobre a sexualidade feminina, ao mesmo tempo em que exige constante disposição para realizar o ato sexual. No entanto, o ato sexual não expressa uma relação afetiva, mas uma relação de poder, uma relação de dominação. Por isso, há a expectativa que o homem seja sexualmente ativo.<sup>9</sup> Tal exigência decorre da necessidade de reafirmação da identidade masculina, diante do medo do feminino e da homossexualidade. Não poder ter filhos coloca em xeque a virilidade de um homem. “Pelo fato de comumente a esterilidade masculina estar associada à impotência, não conseguir ter filhos relaciona-se, para os homens, à sexualidade e ameaça sua virilidade”.<sup>10</sup> Não ter um filho acarreta uma diminuição do capital de masculinidade porque possibilita o questionamento da virilidade. Além disso, possuir um filho constitui, nesta perspectiva, uma prova incontestável de sua heterossexualidade.

Embora a sexualidade ocupe um lugar privilegiado na constituição da identidade masculina, paradoxalmente, as questões relacionadas à reprodução são computadas às mulheres. Preocupar-se com a saúde reprodutiva é uma atribuição feminina, uma vez que cabe às mulheres a dimensão do cuidado: “para os homens, questões sobre fecundidade são percebidas como legitimamente não de sua competência”,<sup>11</sup> pois se um homem procura cuidados médicos, seu capital de masculinidade pode ser diminuído, pois ele estaria apresentando sinais de fraqueza e vulnerabilidade.<sup>12</sup> Com isso, duas implicações políticas podem ser derivadas: a naturalização da maternidade e o papel secundário do homem na reprodução, entendido como mero doador de sêmen. De acordo com Juan Guillermo Figueroa Perea, a discussão dos direitos reprodutivos está associada ao empoderamento das mulheres, há a necessidade de ser estendido aos homens, pois

El empoderamiento de las mujeres no puede ser interpretado simplemente como sinónimo de desempoderamiento de los varones, sino que tomando en cuenta las condiciones sociales que influyen sobre el ser mujer y el ser varón, puede asumirse que el empoderamiento de las mujeres, así como su ejercicio más directo de influencia y de negociación con los varones, obligará a éstos a repensar su identidad como varones y como seres humanos, aprendiendo nuevos modelos de negociación y de intercambio, y de alguna forma, empoderándose al dignificar los criterios con los cuales se vinculan con otros seres humanos como las mujeres.<sup>13</sup>

Nessa concepção, a paternidade deixa de ser a atualização da virilidade masculina e torna-se relacional. A partir da negociação do casal a respeito de seus direitos reprodutivos, a sexualidade masculina perde parte de seu caráter narcisista e adquire uma dimensão dialógica. No entanto, a

<sup>7</sup> Na masculinidade tradicional, há uma relação considerada intrínseca entre a masculinidade, a penetração e a ereção. De acordo com Ivonne Szasz, para que seja considerada uma relação sexual, a penetração tem que acontecer, desconsiderando carícias e mútua erotização. SZASZ, 2000, p. 189.

<sup>8</sup> COSTA, Rosely G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos Feministas*, ano 10, n. 2, jul./dez. 2002, p. 341.

<sup>9</sup> GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. *Estudos Feministas*, ano 7, n. 1-2, 1999, p. 56.

<sup>10</sup> COSTA, 2002, p. 344.

<sup>11</sup> FACHEL LEAL, Ondina. Cultura reprodutiva e sexualidade. *Estudos Feministas*, ano 6, n. 2, jul./dez. 1998, p. 379.

<sup>12</sup> COSTA, 2002, p. 347.

<sup>13</sup> FIGUEROA PEREA, Juan G. Derechos reproductivos y feminismo en la experiencia de los varones. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 8, n. 1, jan./jun. 2000. p. 138.

negociação não pode ser considerada uma concessão. Além disso, é preciso superar a ideia de que a paternidade é supérflua.<sup>14</sup> Dessa forma, a sexualidade masculina torna-se uma sexualidade responsável, dando ao homem a possibilidade de compartilhar com sua companhia o prazer e as consequências advindas da relação sexual. Dessa forma, a sexualidade masculina perderia sua conotação de dominação e adquiriria uma conotação de partilha e intimidade entre os parceiros.

### Dimensão do desejo

Elemento importante para a compreensão da constituição da identidade masculina, a dimensão do desejo possui uma proximidade com a sexualidade, embora não possa ser confundida com ela. A partir do desejo masculino, há uma divisão das mulheres em dois grupos, o que caracteriza a dupla moral sexual: mulheres para vínculos afetivos e mulheres para relações sexuais impessoais, as mulheres da casa e as mulheres da rua.<sup>15</sup> No imaginário masculino tradicional, não há possibilidade de uma mulher ocupar os dois pólos ao mesmo tempo. Com isso, são estabelecidas diferenciações que abarcam inclusive a vida sexual do casal:

Con las primeras no se puede tener una relación eróticamente significativa. Es posible tener relaciones sexuales con ellas y sentir amor por ellas, pues se trata de la novia o la esposa, pero estas relaciones no se aluden con otros varones, y al menos en algunos grupos, se limitan al coito vaginal en posición misionera, generalmente excluyendo el deseo, la iniciativa y el disfrute por parte de la mujer. El segundo tipo de mujeres son incompatibles con el matrimonio y la maternidad y no tienen valor como personas, no se establecen relaciones con ellas. Ocupan un lugar simbólico semejante al de los hombres con los que se tienen contactos eróticos ocasionales.<sup>16</sup>

Em espaços de socialização masculina, o desejo masculino adquire forma. Os desejos não são apenas do domínio privado: há uma dimensão social em sua elaboração. Na adolescência, os meninos excitam-se mutuamente em sessões de masturbação coletiva olhando revistas ou assistindo filmes pornográficos. Nestes momentos, a partilha de experiências constitui um aprendizado acerca do desejo e da sexualidade. Os meninos mais velhos ensinam o que aprenderam aos mais jovens, em momentos de socialização masculina, naquilo que Daniel Welzer-Lang chamou de *a casa dos homens*:

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador.<sup>17</sup>

Quando o menino entra na casa dos homens, sua iniciação foi dada e ele precisa aceitar as regras do jogo, *conditio sine qua non* para ter o reconhecimento de sua condição masculina. Neste espaço, os corpos, o comportamento e os desejos são ensinados de forma coletiva aos postulantes ao *status* de homem. De acordo com Hilan Bensusan, quando alguém pensa a respeito de um tema, toma diferentes decisões a partir de uma ótica que leve em consideração aspectos relacionados ao público ou ao privado. No entanto, essas duas esferas não são incomensuráveis, pois as divisões entre elas são feitas pelos sujeitos. Dessa forma, “podemos pensar na distinção entre privado e público como a distinção entre cama, carteira e vida familiar de um lado e rua, trabalho e vida na sociedade civil de outro”.<sup>18</sup> Torna-se perceptível que a divisão entre

<sup>14</sup> SIQUEIRA, Maria Juracy Toneli. Saúde e direitos reprodutivos: o que os homens têm a ver com isso? *Estudos Feministas*, ano 8, n. 1, 2000, p. 165.

<sup>15</sup> GIFFIN; CAVALCANTI, 1999, p. 56.

<sup>16</sup> SZASZ, 2000, p. 192.

<sup>17</sup> WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, ano 9, n. 2, jul./dez. 2001, p. 462.

<sup>18</sup> BENSUSAN, Hilan. Observações sobre a política dos desejos; tentando pensar ao largo dos instintos compulsórios. *Estudos Feministas*, ano 14, n. 2, mai./ago. 2006. p. 447.

esfera pública e esfera privada é artificial e cria um domínio que não está sob o escrutínio da opinião pública. Tanto na economia quanto na dimensão dos desejos, as relações sociais podem estar subsumidas sob a aparência de impessoalidade:

Podemos pensar, analogamente, que a idéia de que as pessoas buscam prazeres nos permite tornar a erótica independente de nossas relações com as pessoas. A erótica, como a economia, fica instituída como uma esfera independente; e, assim independente, fica liberada de se apresentar a um escrutínio por parte de normas sociais externas a elas. Nesse sentido, e pensadas assim, elas ficam parecendo autônomas como muitas vezes quer parecer a esferas privadas.<sup>19</sup>

A existência de uma esfera privada tira a responsabilidade sobre os atos privados, beneficiando quem possui privilégios: “não atribuir responsabilidade ao que se faz na esfera secreta incapacita as demandas de quem não dispõe desses privilégios. Politizar a erótica e a economia é conectá-las com as demais interações entre as pessoas e a história delas”.<sup>20</sup> Uma vez que o desejo é uma construção individual e coletiva, seu exercício não poderia ser apenas individual: ele possui um capital politizável. Na identidade masculina tradicional, o desejo entra em conflito com outra característica imputada aos homens: a racionalidade. Ao elevar a racionalidade à condição de diferenciador entre seres humanos e animais e, ao mesmo tempo, como prerrogativa do gênero masculino, o desejo proporciona um desconforto e, por esse motivo, deve ser controlado.

Em sua atividade de objetivação, o desejo masculino desconecta os seres humanos de sua pessoalidade e, em relação a seus corpos, não vê o todo, mas apenas partes. Apenas dessa forma a erótica pode ser vivenciada de forma externa ao corpo masculino, sem compromisso e sem afetividade. O desejo possui uma força incontrolável que, uma vez excitada, não pode ser adormecida a menos que seja saciada: “la idea es que el cuerpo tiene sus propias necesidades, que éstas son ‘animales’ y que deben ser reguladas y

controladas desde cierta racionalidad”.<sup>21</sup> Ao imputar ao desejo uma força irresistível, o homem não pode ser responsabilizado pelas consequências de seus atos, mesmo os mais hediondos:

O estupro é parte da militância política em favor da supremacia masculina. O estupro milita mais ou menos assim: o desejo masculino é uma força da natureza, é um elemento de motivação inteiramente independente de todo o resto das coisas que os homens pensam, temem ou sentem. Portanto, as mulheres devem se curvar a ele, ou seja, devem contorná-lo, como fazemos com um penhasco que não podemos mover. A política da masculinidade é a política da sacralização do desejo masculino; agimos como se o desejo estivesse acima de qualquer liberdade.<sup>22</sup>

O modo como o corpo é compreendido interfere na realização dos desejos, pois o corpo é o lugar de sua realização. Se o corpo é uma propriedade de que os homens podem dispor, outros corpos podem ser apropriados através do ato sexual. Dessa forma, o ato sexual torna-se um exercício de poder, ou seja, uma relação de dominação em que o desejo masculino toma posse do objeto desejado. Fica evidente a relacionalidade como traço característico da dimensão do desejo. Ele não existe por si e para si e, de forma análoga, o objeto desejável é constituído a partir de suas características:

Os objetos primordiais do desejo nós podemos escolher – na melhor das hipóteses – em um cardápio pequeno de opções; eles são desejáveis porque são seios, ou porque são genitais, ou porque são jovens, ou porque são brancos ou porque são ícones de distinção de classe, ou porque femininos ou masculinos. O desejável não se articula por si mesmo; ele depende de outras propriedades.<sup>23</sup>

<sup>21</sup> BURIN, Mabel. Construcción de la subjetividad masculina. In: BURIN, Mabel; MELER, Irene. *Varones: género y subjetividad masculina*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 140.

<sup>22</sup> BENSUSAN, 2006, p. 464.

<sup>23</sup> BENSUSAN, Hilan. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. *Estudos Feministas*, ano 12, n. 1, jan./abr. 2004, p. 132.

<sup>19</sup> BENSUSAN, 2006, p. 448.

<sup>20</sup> BENSUSAN, 2006, p. 448.

O desejo masculino não pode ser vivenciado de forma íntima. Para acrescentar algo ao capital de masculinidade, ele precisa ser expresso publicamente. Exemplo disso é o treinamento dos olhos, saber despir uma mulher com um olhar. Não é preciso esforço algum para que os olhos percorram todo o corpo feminino, avaliando-o, desejando-o. Trata-se da “mentalidade de caçador”:<sup>24</sup> está sempre à procura de sua presa. “Cada hombre es un potencial predador respecto de la o de las mujeres propiedad del outro, no sólo porque las desee eróticamente, sino porque acceder a ellas es un equivalente del triunfo sobre un rival odiado, incluso de su posesión homosexual”.<sup>25</sup> A realização do desejo pode se dar tanto de forma concreta quanto de forma simbólica. Em ambos os casos, as mulheres desempenham o papel de objeto: elas podem saciar os desejos ou, de forma simbólica, servir como mediatrizes em uma relação entre homens.

Quando não há a possibilidade de uma relação sexual com uma mulher, substitutiva é a pornografia. Através da pornografia, os homens aprendem a fazer as conexões entre seu desejo e a sexualidade, pois a pornografia apresenta uma imagem de mulher como um corpo a ser dominado, um ser que existe única e exclusivamente para proporcionar prazer ao homem.<sup>26</sup> Práticas sexuais relacionadas exclusivamente ao prazer masculino são amplamente exploradas na pornografia.<sup>27</sup> Sobretudo a prática do coito anal heterossexual é socialmente atribuída ao prazer exclusivamente masculino, a ser realizada com as “outras”, as prostitutas. O coito anal é uma prática frequente na pornografia, havendo inclusive inúmeras variantes da referida prática, cada qual com um nome técnico.

Na pornografia, o desejo adquire liberdade e o auto-erotismo se atualiza através da masturbação,

espécie de compensação pela ausência feminina: “quando os homens se masturbam eles concentram suas expectativas em um ato-clímax, em um ato redentor e freqüentemente de um modo vingativo e compensatório”.<sup>28</sup> Durante a masturbação, há o restabelecimento da auto-estima masculina, pois qualquer pessoa pode ser possuída, realizando as fantasias masculinas de forma submissa. Diante de uma realidade desfavorável, a masturbação parece um “exercício rápido de complacência”.<sup>29</sup>

Como o desejo masculino está ligado à dimensão da sexualidade e exprime-se a partir da redução de tudo e de todos à condição de objeto de desejo, ele é entendido como posse, uma mercadoria rara. Por esse motivo, fazem-se necessários cuidados para sua manutenção, reduzindo o potencial erótico à dominação, concreta ou simbólica, não restando lugar para a partilha entre sujeitos desejantes. Entendendo o desejo como dádiva, a erótica é liberada para criar relações simétricas entre sujeitos desejantes que procuram a realização de seus desejos em submissão ou dominação.<sup>30</sup>

### Dimensão da violência

Procurando atualizar a dominação masculina, os homens exercem a chamada violência doméstica, compreendida como “el uso de la fuerza que una persona utiliza para causar daño [...] en forma activa o pasiva, por negligencia, etc. a outra persona, en este caso el cónyuge”.<sup>31</sup> É um fenômeno complexo, pois retrata um tipo de violência que acontece no interior da casa. A casa tem sido entendida como um espaço privado, ou seja, como um espaço não submetido ao escrutínio público. Como visto anteriormente, a esfera privada possui implicações políticas. No entendimento de Marla Parlow, existe uma diferença entre os conceitos “vida privada” e “vida íntima”: esta diz respeito apenas à

<sup>24</sup> BENSUSAN, 2004, p. 133.

<sup>25</sup> MELER, Irene. La sexualidad masculina: un estudio psicoanalítico de género. In: BURIN, Mabel; MELER, Irene. *Varones: género y subjetividad masculina*. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 161.

<sup>26</sup> BENSUSAN, 2004, p. 134.

<sup>27</sup> FACHEL LEAL, 1998, p. 389.

<sup>28</sup> BENSUSAN, 2004, p. 137.

<sup>29</sup> BENSUSAN, 2004, p. 142.

<sup>30</sup> BENSUSAN, 2004, p. 142.

<sup>31</sup> MELO, Martha Beatriz. *La ritualización de la violencia conyugal en el siglo XXI: hasta que muerte nos separe*. Córdoba: Universitas Córdoba, 2007. p. 21.

individualidade, mas aquela pode sofrer interferência externa.<sup>32</sup>

Até há pouco tempo, a violência conjugal era aceita socialmente, ou melhor, era exigida pelo sistema patriarcal: “el marido tenía la obligación de velar por las buenas costumbres de la familia, constituyéndose en guardián de la moral conyugal, y para cumplir su misión, la doctrina coincidía en que podía castigarla discreta y moderadamente”.<sup>33</sup> Através da violência os homens mantinham o controle sobre os corpos das mulheres, sobretudo o controle sobre sua sexualidade. Também a igreja dava respaldo à perpetuação da violência contra as mulheres:

De acordo com o Concílio de Toledo, século XII, a mulher poderia ser castigada. Algumas notas no texto afirmam que o marido poderia bater em sua esposa, mas não subjugá-la a chibatadas como a um escravo. Outra possibilidade seria o jejum, contanto que a esposa não morresse de fome.<sup>34</sup>

Existe uma pressão social que leva os homens a agirem violentamente, a fim de provarem sua masculinidade. Isto acontece, muitas vezes, de forma repetitiva, cíclica, análoga aos rituais. Sabe-se que a ritualização da vida tem a função de atualizar aqueles elementos considerados importantes para a coletividade. Identificando a ritualização da violência conjugal, torna-se possível identificar o motivo da sujeição de muitas mulheres a esta modalidade de violência: “dentro desse contexto, mulheres que sofrem violência também procuram se enquadrar na imagem delas esperada pela tradição”.<sup>35</sup> Não se trata de atribuir a culpa de sua

situação às mulheres, mas sim reconhecer que existe, ao lado da violência conjugal, uma violência simbólica que leva o dominado a se identificar com o dominador e, dessa forma, não interpretar sua situação como de dominação.<sup>36</sup>

A violência efetuada por homens tem sido estudada e tematizada com mais frequência do que a violência sofrida por eles. Ninguém nasce homem. Para tornar-se um homem, é preciso um longo aprendizado, conquistando o reconhecimento dos outros homens. Enquanto a honra feminina é socialmente definida de forma negativa, a masculinidade é um projeto que deve ser construído ou conquistado. Neste processo, a violência transfigura-se na competição com outros homens, tanto nos esportes quanto nas lutas: “inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris”.<sup>37</sup> Como a identidade masculina está constantemente diante do fantasma da feminilidade, o convívio com outros homens garante, principalmente na adolescência, o aprendizado dos códigos que identificam os homens e criam a solidariedade entre eles. Para que alguém seja considerado um homem, é imprescindível que reconheça esses códigos e que os aceite como válidos. Para ser aceito no ‘jogo da masculinidade’, é preciso estar de acordo com as regras do jogo. Se agir de modo diferente, será excluído.

A aprendizagem da masculinidade é árdua. Os corpos sofrem violências de forma calada: reclamar não é uma alternativa. “A vida dura torna o homem forte”,<sup>38</sup> disse-me certa vez um amigo. É o sofrimento que enrijece o corpo masculino, tirando sua sensibilidade. Os primeiros passos em direção à construção da identidade masculina são os mais difíceis, pois os meninos estão sujeitos à ação dos mais velhos, já iniciados. Essa ação pode ser extremamente violenta, consistindo inclusive no abuso sexual:

<sup>32</sup> PARLOW, Mara Sandra. Questões da trama de conhecimentos na GESTÃO PÚBLICA DA INTIMIDADE e DA VIDA PRIVADA: olhares (ainda furtivos) da teologia. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 97-98.

<sup>33</sup> MELO, 2007, p. 37.

<sup>34</sup> BERGESCH, Karen. Falas de violência e o imaginário religioso. In: NEUENFELDT, Elaine; BERGESCH, Karen; PARLOW, Mara (Orgs.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 119.

<sup>35</sup> BERGESCH, 208, p. 120.

<sup>36</sup> BOURDIEU, 2007, p. 47.

<sup>37</sup> BOURDIEU, 2007, p. 65.

<sup>38</sup> “Strong life makes strong man”.

O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo. Alguns homens mais velhos se aproveitam da credulidade dos novos recrutas e essa primeira peça da casa é vivida por números meninos como a antecâmara do abuso. E isso numa proporção que, à primeira vista, pode surpreender. Não somente o pequeno homem começa a descobrir que, para ser viril, é preciso sofrer, mas também nessa peça (ou nas outras, não se trata aqui de uma metáfora) o menino é, às vezes, iniciado sexualmente por um adulto, iniciado sexualmente pode também significar violado. Ser obrigado – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar...<sup>39</sup>

Embora seja frequente o abuso por parte dos mais velhos, há uma solidariedade entre os meninos que estão na mesma faixa-etária. Através dessa solidariedade, aprende-se o exercício da dominação masculina. Meninos da mesma faixa-etária penetram-se uns aos outros<sup>40</sup> para provar uns para os outros sua virilidade nas chamadas sessões de ‘troca-troca’. A importância do ‘troca-troca’ na formação da identidade masculina e sua violência são demonstradas pelo caráter ritualístico que ele assume: não pode haver prazer envolvido, apenas a dominação.

O *script* seguido pode ser composto por até cinco atos: 1º) olhar pornografia em grupos; 2º) competir para ver quem tem o pênis maior; 3º) demonstrar a superioridade física através da simulação de uma briga; 4º) penetrar o vencido, demonstrando a superioridade sexual; 5º) ser penetrado pelo vencido, selando o pacto da solidariedade masculina. O que está em jogo é a capacidade de manter uma relação sexual independentemente de quem seja o parceiro sexual, permanecendo com o pênis ereto até o gozo. Aquilo que se faz em grupo não pode ser compartilhado com mais ninguém. É um segredo que alia à solidariedade a cumplicidade.

Quando criança, o menino experimenta a violência, sobretudo na condição de vítima: maus tratos recebidos em casa, gozação na escola, surras sofridas por ser mais fraco do que os valentões, etc. Aliando-se a outros que estão individualmente em condição análoga, inverte-se a situação: o menino passa a experienciar a violência na condição de vitimador. Coletivamente, ele age contra as violências que ele sofreu ou que tem medo de sofrer: “a solidariedade masculina intervém para evitar a dor de ser uma vítima; essa casa-dos-homens é o lugar de transmissão de valores positivos. Ter prazer, descobrir o interesse coletivo sobre o individual, são valores que fundam a solidariedade humana”.<sup>41</sup>

A recorrência à violência, tanto individual quanto coletivamente, para expressar a virilidade acontece de forma mais intensa na adolescência e na juventude, períodos em que a identidade masculina ainda é frágil e o reconhecimento dos pares precisa ser conquistado.<sup>42</sup> A submissão à violência de outros homens objetiva a chegada ao ideal da masculinidade: ser considerado um “grande homem”.<sup>43</sup> Os grandes homens possuem domínio sobre as mulheres e sobre outros homens. Reconhecer essa realidade evidencia a existência de uma hierarquização que classifica os homens de acordo com seu capital de masculinidade. Ser considerado um grande homem traz benefícios como o acesso a bonitas mulheres e o reconhecimento dos outros homens.

### Palavras finais

O processo de construção da identidade masculina é longo e cheio de percalços. Imperativos sociais e violências de todos os tipos incidem sobre o candidato a homem, reduzindo as possibilidades do exercício de uma masculinidade sadia. Forjada a partir de experiências de violência, há grande probabilidade de uma vivência da masculinidade a partir da violência.

Por outro lado, reconhecendo o caráter sócio-histórico das masculinidades, cria-se um espaço

<sup>39</sup> WELZER-LANG, 2001, p. 464.

<sup>40</sup> WELZER-LANG, 2001, p. 462.

<sup>41</sup> WELZER-LANG, 2001, p. 465.

<sup>42</sup> OLIVEIRA, 2000, p. 102,

<sup>43</sup> WELZER-LANG, 2001, p. 446.

para a elaboração e o ensaio de outras masculinidades. Masculinidades embasadas na partilha e não na posse; construídas sobre o amor e não sobre a violência; com uma sexualidade de doação e não de dominação.

O desejo por relações mais simétricas entre homens e mulheres passa pela cura das relações entre os homens, superando a hierarquização que produz masculinidades hegemônicas e subalternas.

Em vez de hierarquias, necessária se faz a convivência de diferentes possibilidades de vivenciar as masculinidades, não de forma exclusiva, mas de forma complementar.

[Recebido em: fevereiro 2010 e  
aceito em: abril 2010]